

Educação visual sobre o Holocausto: sensibilização e ética na utilização de imagens históricas

Luciana Sanguiné*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Débora Karpowicz**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Recebido em: 11 abr. 2024

Aprovado em: 25 jul. 2024

Publicado em: 31 dez. 2024

Resumo

Durante muito tempo, a pesquisa em educação sobre o Holocausto se concentrou na transmissão de fatos históricos e na preservação da memória coletiva. Contudo, há uma lacuna significativa no que tange ao uso ético e contextualizado de imagens, especialmente aquelas geradas por inteligência artificial, no ensino desse tema sensível. Para explorar esse tema, o presente artigo analisa a importância da contextualização e do uso ético de imagens no ensino do Holocausto, enfatizando a responsabilidade dos educadores em selecionar materiais visuais que respeitem a dignidade das vítimas e promovam uma compreensão crítica dos eventos históricos. Baseado nas diretrizes da Associação Brasileira de Ensino de História e nos princípios da *International Holocaust Remembrance Alliance*, o estudo realiza uma análise qualitativa de práticas pedagógicas de artigos científicos com foco na integração de imagens no currículo e na identificação de lacunas na Base Nacional Comum Curricular relacionadas ao Holocausto. Os resultados indicaram que, embora a tecnologia possa enriquecer o ensino, a falta de contextualização e reflexão crítica no uso de imagens pode comprometer a integridade do processo educacional. Como principal contribuição, o artigo destaca a necessidade de uma abordagem ética e cuidadosa no uso de imagens no ensino do Holocausto e sugere a inclusão de referências explícitas ao tema na BNCC, visando fortalecer a formação crítica e empática dos estudantes.

Palavras-chave: Educação. Imagens. Inteligência Artificial. Holocausto.


* Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Project Management pela University of Essex, Inglaterra; graduada em História pela Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: luciana.sanguine@outlook.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8517-7803>

 <http://lattes.cnpq.br/2329404148873452>

** Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutora, Mestre e graduada em História pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: deborakarpowicz@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8513-9620>

 <http://lattes.cnpq.br/5474810494779025>

Visual education on the Holocaust: awareness and ethics in the use of historical images

Luciana Sanguiné*

Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil

Débora Karpowicz**

Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil

Received: 11th Apr. 2024

Approved: 25th July 2024

Published: 31st Dec. 2024

Abstract

For a long time, research in Holocaust education focused on the transmission of historical facts and the preservation of collective memory. However, there is a significant gap concerning the ethical and contextualized use of images, especially those generated by artificial intelligence, in teaching this sensitive topic. To explore this issue, this article analyzes the importance of contextualization and the ethical use of images in Holocaust education, emphasizing the responsibility of educators to select visual materials that respect the dignity of the victims and promote a critical understanding of historical events. Based on the guidelines of the Brazilian Association for History Education and the principles of the International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA), the study conducts a qualitative analysis of pedagogical practices in scientific articles focusing on the integration of images into the curriculum and identifying gaps in the National Common Curricular Base (BNCC) related to the Holocaust. The results indicated that while technology can enhance education, the lack of contextualization and critical reflection in the use of images may compromise the integrity of the educational process. As its main contribution, the article highlights the need for an ethical and careful approach to the use of images in Holocaust education and suggests the inclusion of explicit references to the subject in the BNCC, aiming to strengthen students' critical and empathetic formation.

Keywords: Education. Images. Artificial Intelligence. Holocaust.


* PhD candidate in History at the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul. MA in Management Project from the University of Essex; BA in History from the University of South Santa Catarina. E-mail: luciana.sanguine@outlook.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8517-7803>

 <http://lattes.cnpq.br/2329404148873452>

** Professor at the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul. PhD, MA and BA in History from the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul. E-mail: deborakarpowicz@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8513-9620>

 <http://lattes.cnpq.br/5474810494779025>

Introdução

O Holocausto, um dos episódios mais trágicos da história humana, exemplifica os extremos de crueldade e sofrimento que a intolerância, o ódio e a indiferença podem infligir. Este período sombrio serve como um lembrete crítico das cicatrizes que tais atrocidades deixam na consciência coletiva e da importância de jamais esquecer essas lições históricas. Por isso, a educação sobre o Holocausto é essencial, não só para compreender o passado e ensinar sobre outras tragédias históricas com a devida gravidade e respeito, mas também para garantir que esses eventos jamais se repitam.

Este trabalho destaca a importância do uso ético de imagens no ensino de eventos traumáticos, como o Holocausto, e a utilização de recursos de inteligência artificial para criar representações visuais respeitadas e informativas. Além disso, discute como essas práticas podem ser generalizadas e aplicadas no ensino de outras tragédias humanitárias, enfatizando que as estratégias desenvolvidas não são exclusivas de um único evento histórico, mas são universalmente aplicáveis sempre que a sensibilidade e o respeito pelo tema forem prioritários.

Neste artigo, serão amplamente abordadas as questões contemporâneas relativas ao uso de imagens em contextos educativos sensíveis. Propõe-se estratégias éticas para educadores que visam fomentar o conhecimento crítico e o discernimento moral nos estudantes, através da seleção cuidadosa de imagens, contextualização adequada, abordagens éticas, integração interdisciplinar e adaptação às necessidades específicas dos estudantes. Tais diretrizes são fundamentais para garantir que o ensino por meio de imagens do Holocausto seja conduzido de maneira que eduque e conscientize, sem jamais banalizar ou trivializar os eventos abordados.

A pesquisa foi de cunho quantitativo e qualitativo a partir das bases de dados Google Acadêmico e SciELO, tendo como descritores de busca as palavras-chave “ensino do Holocausto”, “ensino de eventos traumáticos através de imagens” e “uso de imagens no ensino do Holocausto”, ao longo de um período de três meses. Nesta busca foram encontrados 15 artigos relacionados diretamente com a temática proposta. Destes documentos encontrados, foram selecionados 7, cujo critério de seleção foram os artigos que faziam referência a relatos de experiência de práticas pedagógicas em sala de aula. Os demais artigos, embora tratando do tema, não aprofundaram a experiência docente. Para análise dos materiais selecionados o enfoque foi dado às diferenças entre as práticas pedagógicas, de forma a compreender como o tema Holocausto, bem como as imagens foram contextualizadas.

Como referencial teórico esta pesquisa fundamentou-se nas discussões de Mirzoeff (1999) sobre a capacidade das imagens de evocar empatia, nas análises de Hariman e Lucaites (2007) sobre as implicações éticas do uso de imagens históricas, e nas reflexões de Didi-Huberman (2012) sobre a complexidade das representações visuais. Sendo assim, a

metodologia envolveu uma revisão abrangente da literatura existente, garantindo que as propostas apresentadas fossem tanto teoricamente sólidas quanto aplicáveis na prática educativa. Ao explorar os dilemas no uso de imagens e recursos gerados por inteligência artificial no ensino sobre o Holocausto, o estudo enfatiza a importância de uma abordagem ética e sensível, assegurando que o ensino seja conduzido de maneira respeitosa e informativa.

Esta pesquisa está dividida em cinco Seções. Na qual, a primeira seção faz uma análise do “O poder das imagens na educação histórica” com destaque no papel de evocar empatia e proporcionar uma compreensão profunda dos eventos; na segunda seção, discute-se “Riscos de banalização e dessensibilização”, decorrentes da exposição excessiva a imagens gráficas, propondo estratégias para equilibrar a apresentação visual de conteúdos traumáticos; na terceira seção, trata-se de uma abordagem sobre “Ensinando tolerância através do Holocausto com o auxílio de imagens” na qual promove-se a empatia do uso cuidadoso dessas representações; na quarta seção, estende-se a discussão ao “Uso de imagens geradas por inteligência artificial no ensino do Holocausto”, como hologramas interativos, ressalta-se suas potencialidades e desafios éticos; na quinta seção, aborda-se a “Ética na seleção e utilização de imagens no ensino do Holocausto”, sublinhando a necessidade de um ensino informativo e respeitoso que preserve a dignidade das vítimas. E, na sequência, segue a conclusão da pesquisa.

O poder das imagens na educação histórica

O ensino de história tradicionalmente se apoiou nos conceitos basilares obtidos através de textos escritos como o principal meio de instrução. Burke (2004) postula uma mudança pedagógica significativa, onde o ensino de história começou a valorizar a fotografia como um meio extremamente eficiente para engajar os estudantes em sala de aula. No entanto, o poder do contexto visual não reside apenas na fotografia per se, mas também em imagens e pinturas que, muitas vezes, alcançam uma audiência mais ampla através de suas versões digitalizadas ou outras representações digitais.

Recentemente, a explosão da Inteligência Artificial (IA) tem sido explorada como uma forma visual interativa altamente eficiente para aprimorar essas experiências educativas, incorporando recursos visuais dinâmicos e adaptativos que podem facilitar uma compreensão mais aprofundada dos eventos históricos (Cf. Gamber, 2023). Como Mirzoeff (1999) sugere, esse recurso visual facilita uma conexão mais significativa com os estudantes, pois as imagens têm a capacidade de evocar empatia, estabelecendo uma ligação emocional com o passado. No entanto, na era digital em que estamos imersos, caracterizada por um constante bombardeio de informações, o uso desses recursos visuais enfrenta inúmeros desafios. Em um contexto educacional brasileiro, embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não discuta diretamente o Holocausto, o documento enfatiza a importância de tratar temas sensíveis e de desenvolver nos estudantes uma abordagem crítica e reflexiva, como ilustrado

na passagem: "Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora" (Brasil, 2017, p. 35). Quando aliado a boas práticas de ensino, como as vistas no manual da *International Holocaust Remembrance Alliance* (IHRA) e em artigos como este, podem ajudar significativamente esses educadores.

Imagens constituem recursos extremamente eficazes na exploração de temas árduos e sensíveis. Neste trabalho, o foco central discorrerá sobre o emprego de imagens no ensino do Holocausto. Entretanto, as boas práticas de ética e respeito com as vítimas podem ser empregadas no ensino de outras situações delicadas em que existem debates sobre mostrar ou não os fatos. Como Didi-Huberman (2012) menciona, a captação das imagens pode ser um véu ou um dilaceramento, e a escolha equivocada pode gerar o efeito contrário do que se deseja com esta exposição. As fotografias possibilitam uma compreensão mais aprofundada do impacto devastador das tragédias, transcendendo meros fatos e números, ao capturar as experiências individuais das vítimas (Cf. Zelizer, 2000). Contudo, é imperativo que os educadores, ao abordarem tais temas, empreguem as imagens de maneira ética, com o intuito de prevenir a dessensibilização ou a exploração indevida do sofrimento alheio (Cf. Hariman; Lucaites 2007).

A era digital em que nossa sociedade está imersa introduziu uma miríade de oportunidades. Por exemplo, recursos digitais agora possibilitam que estudantes explorem locais históricos virtualmente ou manipulem modelos tridimensionais de artefatos históricos, inaugurando novos modos de engajamento ativo (Cf. Wittkower, 2012). Diariamente, testemunhamos o surgimento de novas tendências em redes sociais e plataformas de streaming que, muitas vezes, disseminam conteúdo sem supervisão adequada ou aprovação prévia. Essa realidade trouxe consigo desafios inerentes ao uso de imagens na educação histórica, pois, agora mais do que nunca, há uma proliferação de imagens históricas disponíveis ao público de maneira fácil e gratuita. No entanto, com essa expansão, emergiram também novas formas de interação com o conteúdo que, anteriormente, era restrito às salas de aula. Tal proliferação ampliou os riscos de descontextualização e manipulação de materiais originais, incumbindo aos educadores contemporâneos a tarefa não apenas de transmitir o conteúdo tradicional, mas também de abordar a mídia de uma maneira que é frequentemente referida como alfabetização digital (Cf. Bulger; Davison 2018).

Para efetuar uma integração eficaz de imagens na educação histórica, é imprescindível que a abordagem do educador reconheça as limitações inerentes ao uso de imagens como fontes históricas. Como proposto por Bulger e Davison (*Idem*), os educadores devem enfatizar a alfabetização digital, instruindo os estudantes a interpretar não apenas imagens, mas também todo conteúdo online de maneira crítica, questionando sempre sua origem, propósito e contexto. As imagens selecionadas para uso em sala de aula devem ser incorporadas em um contexto pedagógico abrangente que fomente o pensamento histórico. Isso incentiva os estudantes a estabelecerem conexões entre imagens e textos de outras fontes históricas,

cultivando uma perspectiva multifacetada. Assim, eles estarão mais aptos a formular julgamentos críticos sobre o material visual, tanto no ambiente acadêmico quanto nas interações cotidianas nas redes sociais (Cf. Lee; Ashby 2000).

Nesse contexto, é essencial que os educadores considerem a ética na prática docente, reconhecendo que "a ética ocorre no diálogo intercultural entre pessoas oriundas de diferentes realidades, essa perspectiva aponta para uma teia de relações que parte da sala de aula, se espalha pela escola, pela comunidade escolar e pela sociedade" (Associação Brasileira de Ensino de História, 2022, p. 25).

As imagens proporcionam aos estudantes a oportunidade de enriquecer seu conhecimento histórico, complementando os textos e as informações previamente transmitidas pelos professores. A fotografia estabelece uma conexão visual e emocional com eventos passados, uma experiência que raramente pode ser replicada, destacando como momentos significativos deixaram marcas indeléveis na sociedade. No entanto, para um uso eficaz, é essencial uma abordagem crítica e reflexiva, levando o aluno a compreender que cada imagem carrega uma narrativa construída através de vieses específicos e, embora impactante, pode não retratar a história de maneira totalmente fidedigna. Ainda assim, essa imagem tem o potencial de contar uma história a partir de uma perspectiva diferente. Ao adotar uma abordagem crítica, os educadores integram valores éticos e respeito pelos eventos históricos ao currículo, promovendo uma compreensão mais profunda e matizada da história.

Abaixo, um fragmento de um texto de Gradowski (s.d., *apud* Didi-Huberman 2012), prisioneiro judeu forçado a trabalhar na câmara de gás durante o Holocausto. Estes relatos, quando agregados a imagens sutis, têm o poder de construir uma narrativa abrangente sem a necessidade de uma exposição de imagens explícitas.

Diz aos teus amigos e conhecidos que,
se não voltares, é porque o teu sangue parou
e se mobilizou ao ver como pereceram as crianças
inocentes e sem proteção do meu povo
só e abandonado.
Diz-lhes que, se o teu coração se transformar em
[pedra], o teu cérebro em frio mecanismo de pensamento e o teu olho em
simples máquina fotográfica, também não voltarás ao seu encontro,
[...] Aperta-me bem a mão, não tremas [lacuna]
Porque deverás ver coisas ainda piores.
(Z. Gradowski, *Rouleaux d'Auschwitz*, I, p. 24-25).

Neste sentido, o emprego de imagens para a representação do passado configura-se como uma ferramenta excepcionalmente potente, atuando como uma espécie de máquina do tempo que nos transporta diretamente para momentos cruciais que alteraram o curso da humanidade. Essa experiência imersiva deixa no espectador a sensação de ter presenciado o

evento, evocando emoções que raramente seriam replicadas pelo texto escrito (Cf. Rosenzweig; Thelen 2000). No entanto, é indubitável que, em certos casos, as fotografias por si só podem não contextualizar adequadamente a mensagem que se pretende transmitir, nem o contexto histórico que se almeja ilustrar.

Contudo, ao abordar o uso de imagens do Holocausto, é fundamental considerar que, conforme o IHRA, a maioria dos registros fotográficos foram feitos pelos próprios nazistas, o que reforça a necessidade de textos explicativos, pois essas imagens frequentemente refletem o viés dos perpetradores e não das vítimas (IHRA, 2013). Quando combinadas com textos explicativos, as imagens têm o potencial de enriquecer a compreensão dos estudantes, fomentando uma postura mais crítica e analítica. Torna-se imperativo que essa imersão seja meticulosamente orientada pelo educador, com o intuito de ensinar aos estudantes que imagens isoladas, assim como todas as fontes históricas, requerem contextualização e estão sujeitas ao viés interpretativo. Afinal, por si sós, elas representam apenas um fragmento de um momento específico e não uma representação neutra da realidade, podendo ser influenciadas tanto pelo contexto da época quanto pela perspectiva do fotógrafo (Cf. Schwartz; Cook 2002). Didi-Huberman (2012) destaca a complexidade das representações visuais ao afirmar que "A imagem não é um todo: nenhuma imagem nos diz o que foi a *Shoah*, mas todas as imagens não falam senão disso". Para entender essa afirmação, é importante compreender o significado da *Shoah*. Segundo Landau (1992), a *Shoah*, ou Holocausto, foi um genocídio organizado no qual cerca de seis milhões de judeus foram sistematicamente exterminados pelo regime nazista liderado por Adolf Hitler. Este massacre fazia parte do que foi denominado "Solução Final", um plano de extermínio em massa. Assim, cada imagem relacionada à *Shoah* carrega uma parte dessa história horrenda, embora nenhuma possa capturar completamente a totalidade do evento.

Desta forma, a integração crítica de recursos visuais, especialmente aqueles gerados por IA, no ensino de história, proporciona uma rica oportunidade para aprofundar o conhecimento e a empatia dos estudantes, desde que seja feita com a devida orientação e contextualização (Cf. Didi-Huberman, 2012).

Riscos da banalização e dessensibilização

A utilização de fotografias do Holocausto no ensino de história pode ser uma prática pedagógica eficaz para criar uma conexão entre os estudantes e os períodos mais sombrios da história da humanidade, estabelecendo uma relação próxima e pessoal com a narrativa histórica ali retratada. No entanto, o processo de ensino por meio de imagens enfrenta desafios significativos que devem ser cuidadosamente observados. Conforme destaca Zelizer (1998), a exposição frequente a imagens gráficas e perturbadoras pode resultar em um efeito contrário à empatia, banalizando e dessensibilizando o espectador, e diminuindo, assim, o impacto emocional e a capacidade de se conectar com os sentimentos que essas imagens

deveriam evocar.

De acordo com Crane (2008), a banalização ocorre quando a familiaridade excessiva com imagens de atrocidades históricas leva à perda da capacidade de reação emocional diante de tais horrores, resultando em uma dessensibilização que diminui o impacto educacional pretendido. Além disso, os educadores precisam trabalhar cuidadosamente na contextualização das fotos no ensino, garantindo que essa exposição não influencie negativamente a percepção dos estudantes sobre o Holocausto. Em outras palavras, o uso de imagens pode tanto enriquecer quanto distorcer o entendimento (Cf. Hariman; Lucaites, 2007).

A dessensibilização é um fenômeno estudado abrangentemente na psicologia e ocorre quando uma pessoa se torna indiferente a qualquer tipo de exposição à violência. De acordo com Huesmann e Kirwil (2007), essa diminuição das respostas neurofisiológicas é um processo gradual que, aos poucos, faz com que o indivíduo exposto à brutalidade se torne insensível diante de situações que poderiam desencadear uma resposta emocional. Quando aplicado à educação, a exposição repetida a imagens das atrocidades do Holocausto pode resultar, entre outras coisas, na falta de empatia e senso crítico, que são fatores essenciais para que a aprendizagem histórica seja profunda e significativa.

Sanchez (2020) observa que a proliferação exacerbada da cultura visual contemporânea tem contribuído negativamente para a dessensibilização em relação a questões sérias, como o Holocausto. Atualmente, os jovens muitas vezes têm acesso a imagens históricas antes mesmo de uma contextualização adequada em sala de aula, o que afeta seriamente sua capacidade de discernir entre fatos reais e mensagens irônicas espalhadas na internet, também conhecidas como *memes*. Essa dessensibilização pode prejudicar o impacto educacional pretendido, reduzindo a capacidade dos estudantes de reagir emocionalmente às imagens das atrocidades históricas.

Schweber (2006) menciona mudanças perceptíveis na sala de aula, destacando uma queda no interesse dos estudantes pelo tema do Holocausto. Em seu relato como educadora sobre o Holocausto, ela observa que anteriormente os estudantes aguardavam ansiosamente o momento de discutir o tema e frequentemente se emocionavam com os relatos e a visita de sobreviventes. Contudo, essa falta de interesse crescente pode ser atribuída à exposição excessiva a imagens e filmes sobre o assunto, que acaba dessensibilizando os estudantes.

Boyer (2012) sugere que outro motivo para a banalização do ensino do Holocausto está relacionado à superexposição de imagens na internet e em outras mídias. Essa superexposição leva algumas escolas a optarem por não incluir o assunto em seus currículos, tratando-os brevemente no contexto do ensino sobre a Segunda Guerra Mundial. Isso reflete à questão central da proliferação da informação e a dificuldade em manter o impacto e a seriedade do ensino sobre o Holocausto.

Desta forma, é evidente que a cultura visual contemporânea e a superexposição a imagem sobre o Holocausto e a outras tragédias históricas representam desafios significativos para a educação. De modo a enfrentar esses desafios, é fundamental que os educadores

adotem uma abordagem crítica e contextualizada no uso de imagens, garantindo que o ensino mantenha sua eficácia e respeite a memória das vítimas, sem banalizar ou dessensibilizar os estudantes ao sofrimento humano.

Ensinando tolerância através do Holocausto com o auxílio de imagens

O entendimento da história do Holocausto desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais tolerante, empática e consciente das terríveis consequências do preconceito, xenofobia e antissemitismo. Além disso, o estudo desse evento trágico também contribui para a compreensão das diferenças culturais e religiosas, promovendo o combate aos estereótipos e o respeito à interculturalidade. Dentro desse contexto, o ensino do Holocausto por meio de imagens pode desempenhar um papel importante, tornando a abordagem pedagógica mais tangível e auxiliando os estudantes a se conectarem com os eventos ocorridos durante esse período sombrio da história. Como enfatiza Adorno (1974), "a educação só teria pleno sentido como educação para a autorreflexão crítica", destacando a necessidade de uma educação que não permita a repetição de horrores como Auschwitz.

O trabalho de Boyer (2012) explora as dificuldades no ensino da educação sobre o Holocausto, enfatizando a necessidade de práticas pedagógicas eficazes para superar esses desafios. A pesquisa destaca a importância de abordar o tema com sensibilidade e responsabilidade, garantindo que os estudantes compreendam não apenas os fatos históricos, mas também as implicações éticas e morais associadas ao Holocausto. O autor também explora a relação do estudo desse evento com o aprendizado da tolerância, principalmente na atualidade, onde eventos migratórios levantam tantas discussões sobre o assunto.

A pesquisa de Cowan e Maitles (2007) examina se o ensino do Holocausto pode produzir cidadãos mais conscientes e tolerantes. Eles destacam a necessidade de uma abordagem eficaz que promova o respeito pelas diferenças e a compreensão das consequências do preconceito.

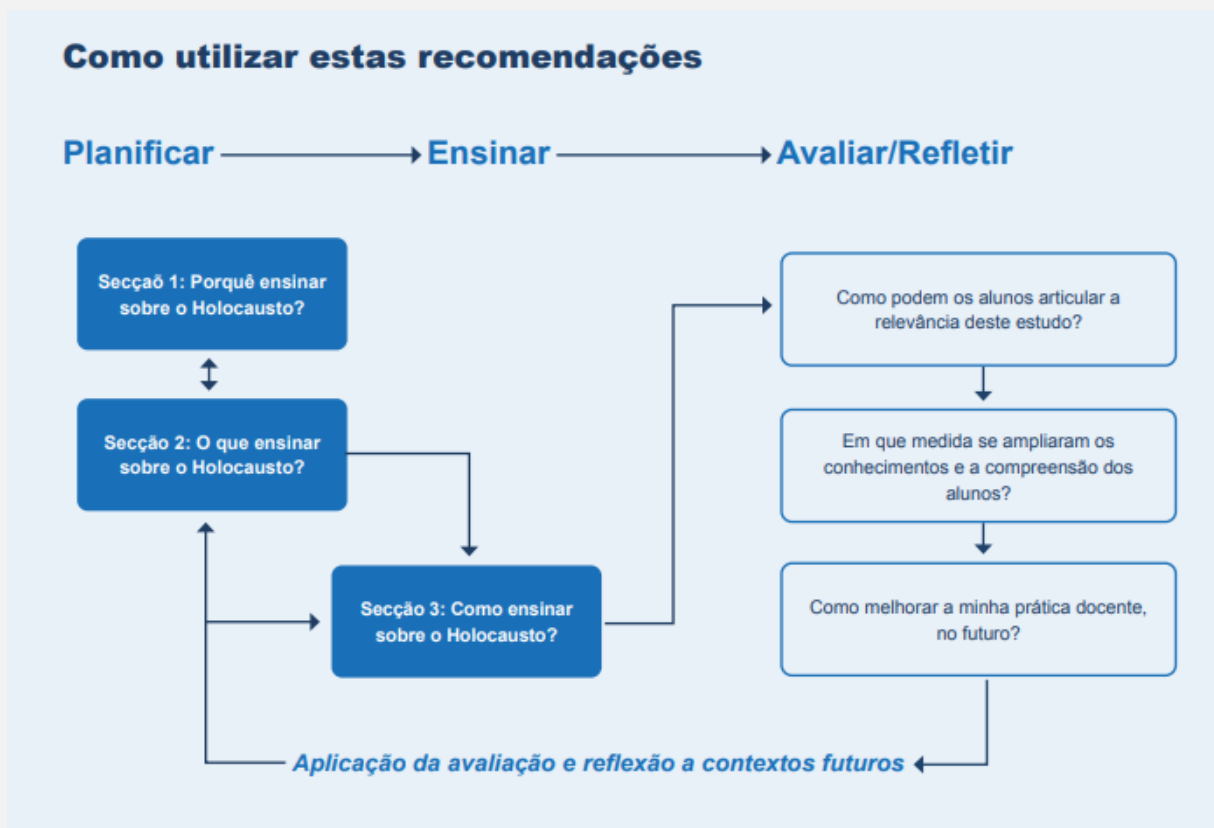
É importante mencionar as diretrizes estabelecidas pelo IHRA, 2019, que oferecem orientações importantes para o ensino e aprendizado sobre o Holocausto. Essas recomendações sublinham a importância de adaptar a abordagem de acordo com a demografia e a necessidade, mas também deixam claro que o material é uma sugestão desenhada a partir dos anseios da comunidade de sobreviventes e seus familiares, e não uma regra formal do que pode ou não ser discutido. Essa mesma lógica aplica-se às imagens, que devem ser selecionadas com cautela após uma reflexão dos educadores sobre os benefícios desta exposição.

A seleção de imagens para o ensino do Holocausto deve ser realizada com extremo cuidado devido à complexidade do assunto. Embora não exista uma única fonte de informação, o IHRA sugere uma lista de entidades que fornecem material gratuito. Além disso,

algumas dessas entidades disponibilizam seus profissionais para oferecer suporte aos professores que buscam uma abordagem assertiva.

O IHRA (2019) recomenda que, antes de iniciar o planejamento do conteúdo a ser usado em sala de aula, o educador realize uma análise crítica como forma de reflexão sobre os rumos e a audiência que irá receber o conhecimento. Conforme suportado por outras fontes (Kovač, 2022a; 2022b), é papel do educador entender o nível de maturidade da turma antes de planejar as aulas. Isso se deve ao fato de que alguns tópicos sensíveis devem ser evitados, levando em consideração diversos fatores que podem variar de acordo com a localidade, idade e nível de maturidade dos estudantes.

Figura 1 – Como usar as recomendações



Fonte: IHRA, 2019, p. 9.

Após uma seleção criteriosa da metodologia a ser empregada, é necessário que o educador pesquise imagens que julgue adequadas à realidade dos estudantes. A escolha das imagens certas representa o respeito ao transmitir a história de um evento sombrio e evita expor as vítimas de forma negativa. O uso de imagens excessivamente gráficas pode chocar os estudantes de maneira negativa, aumentando o risco de dessensibilização, tornando-os indiferentes ao sofrimento alheio (Cf. Huesmann; Kirwil 2007). Em contrapartida, conforme sugerido por Cowan e Mailtes (2007), por receio de uma experiência negativa, existe o risco de uma análise superficial que não captura a verdadeira dimensão dos fatos. Portanto, é necessária uma busca pelo equilíbrio com base nas recomendações do IHRA. Somente com a dosagem adequada de material se contribuirá de maneira efetiva para o entendimento da profundidade do Holocausto sem o risco de insensibilização diante das inferências sobre a vida humana (Cf. Milton, 2014).

Em uma entrevista conduzida por Kovač (2022) com educadores da República Sérvia, destaca-se o relato de uma professora que compartilhou uma abordagem cuidadosa ao lidar com imagens explícitas relacionadas ao Holocausto. Ela optou por apresentar apenas imagens simbólicas e alusivas ao evento, acreditando que expor explicitamente a violência por meio de imagens poderia causar estresse traumático nos estudantes. A professora reconheceu a sensibilidade do tema, especialmente em uma região que já havia enfrentado problemas semelhantes no passado. Ela estava preocupada com a possibilidade de acionar lembranças dolorosas nos estudantes.

A **Figura 2** exibe um cartaz desenvolvido pelos estudantes durante as aulas de educação sobre o Holocausto. O cartaz ilustra três fases distintas do processo que culminou no maior genocídio da história, conforme discutido por autores como Crane (2008) e Hariman e Lucaites (2007), que abordam a representação e a repercussão das imagens do Holocausto. No primeiro quadrante, retrata-se a vida antes dos eventos trágicos, destacando as prósperas famílias judias exercendo seus direitos de cidadãos. No segundo quadrante, apresenta-se a vida no gueto, local para onde os judeus foram enviados antes dos campos de concentração. Por último, o cartaz mostra como era a vida nos campos de concentração, criando um contraste que estimula a reflexão dos estudantes.

Ao longo do projeto, os estudantes produziram diversos materiais relacionados ao tema. Esses esforços culminaram em uma exposição que apresentou todo o conteúdo criado, proporcionando uma oportunidade valiosa para reflexão e aprendizado. Esta abordagem demonstra o cuidado e a sensibilidade necessários ao abordar um tema tão delicado como o Holocausto no ambiente educacional.

Figura 2 – Cartaz elaborado pelos estudantes, com fotos e ilustrações relacionadas ao Holocausto

Fonte: Danilo Kovač. *A Case Study Comparing Good Practice in the Use of Pedagogical Resources in Holocaust Education in England and Republika Srpska* (2022).

IHRA (2019), assim como a necessidade de abordagem, pode ser modificada de acordo com a demografia e as necessidades, sugere que não há uma única forma correta de ensinar. Isso ocorre porque o objetivo de todo o processo educacional é transmitir o conhecimento aos estudantes da melhor forma possível. Sites oficiais de entidades sérias, como o Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos (USHMM), possuem um acervo com mais de 40 mil fotos, muitas delas digitalizadas e disponibilizadas gratuitamente por meio de plataformas *online*.

A integração interdisciplinar no ensino do Holocausto por meio de imagens é uma abordagem pedagógica enriquecedora que pode proporcionar aos estudantes uma compreensão mais profunda e abrangente desse capítulo sombrio da história. Disciplinas como história, literatura, estudos sociais e artes podem ser incorporadas estrategicamente para permitir que os estudantes explorem o Holocausto a partir de diversas perspectivas. No entanto, é fundamental, como sugere Schweber (2006), conduzir qualquer atividade relacionada a esse tema com máxima cautela para evitar a banalização do sofrimento humano, dado que o Holocausto foi uma tragédia sem precedentes e não deve ser tratado de forma leviana.

Schweber (2006) destaca a importância da ética na seleção das imagens utilizadas pelos educadores em sala de aula. É imperativo que os professores preservem a dignidade das

vítimas e evitem, a todo custo, a exploração do sofrimento humano nas imagens escolhidas para ilustrar o ensino sobre o Holocausto. A abordagem sensível e ética é fundamental para garantir que os estudantes compreendam a gravidade desse evento histórico sem desrespeitar a memória das vítimas.

Kovač (2022) ressalta que a integração interdisciplinar permite uma compreensão mais rica do Holocausto, pois os estudantes podem explorar diferentes aspectos do evento por meio de várias disciplinas. A história fornece o contexto e os fatos, a literatura oferece relatos pessoais e emocionais, os estudos sociais abordam as implicações políticas e sociais, enquanto as artes possibilitam uma expressão criativa das emoções e reflexões sobre o Holocausto.

Umbach e Mills (2023) reforçam a ideia de Schweber (2006) ao enfatizar que a ética desempenha um papel central na seleção de imagens. Os professores devem agir como guardiões da memória, garantindo que as representações visuais do Holocausto respeitem a dignidade das vítimas e não as explorem de maneira inadequada. O uso de imagens éticas e a integração cuidadosa de várias disciplinas podem enriquecer o aprendizado dos estudantes, proporcionando uma compreensão mais profunda do Holocausto e promovendo o respeito por sua importância histórica e humana.

Nesse contexto, a integração interdisciplinar no ensino do Holocausto por meio de imagens emerge como uma estratégia educacional valiosa, desde que seja guiada por princípios éticos e pelo compromisso de honrar a memória das vítimas. Essa abordagem oferece aos estudantes a oportunidade de explorar o Holocausto de maneira mais significativa e completa, garantindo que a lembrança desse evento trágico seja preservada com dignidade e respeito.

Uso de imagens geradas por inteligência artificial no ensino do Holocausto

Emergindo como uma das grandes promessas da tecnologia educacional, os recursos gerados pela inteligência artificial, tais como imagens e vídeos, estão progressivamente sendo incorporados ao contexto educacional. A inteligência artificial (IA) refere-se a sistemas computacionais que simulam processos de inteligência humana, como aprendizado, raciocínio e percepção, para executar tarefas que normalmente requerem inteligência humana.

As imagens geradas por IA são criadas através de algoritmos avançados que analisam grandes volumes de dados visuais para produzir novas imagens que imitam características de fotografias reais. Estas imagens podem ser utilizadas para criar conteúdos educativos inovadores, mas também apresentam desafios significativos em termos de autenticidade e precisão. Como destacado por Lu *et al.* (2023), a pesquisa revelou que frequentemente as pessoas não conseguem distinguir entre fotos reais e imagens artificiais, o que pode levar à disseminação de informações enganosas se não forem tomadas precauções adequadas.

Esses achados sublinham a necessidade de cautela no uso de imagens geradas por IA

na educação sobre o Holocausto, onde a precisão histórica e a responsabilidade ética são essenciais. O potencial de manipulação ou interpretação errônea das imagens enfatiza a importância de desenvolver uma alfabetização visual crítica nos estudantes, capacitando-os a avaliar a veracidade, a origem e o contexto das imagens com que interagem.

No entanto, esse processo de incorporação ainda é gradual e demanda estudos mais abrangentes que visem a segurança do conteúdo para garantir tanto a proteção digital quanto a integridade dos estudantes. Um exemplo notável do uso da inteligência artificial na educação sobre o Holocausto é a iniciativa do Museu de Washington, que criou um holograma interativo de uma sobrevivente do Holocausto. Nesta plataforma, as pessoas podem fazer perguntas que são respondidas com base em um banco de dados previamente fornecido pela sobrevivente (Cf. Gamber, 2023).

Essa tecnologia não apenas facilita o engajamento dos visitantes com testemunhos históricos, mas também promove uma experiência educacional mais dinâmica e personalizada. Gamber (*Idem*) destaca como as gravações interativas de sobreviventes do Holocausto, preparadas para responder a mais de mil perguntas, têm sido utilizadas em diversos museus ao redor do mundo, aprimorando significativamente a interatividade e a profundidade do aprendizado nesses ambientes. Essa abordagem também levanta questões importantes sobre a empatia e o entendimento histórico que tais interações podem fomentar.

Conforme Gamber (*Idem*), o holograma de uma sobrevivente, que já concedeu diversas entrevistas arquivadas em um banco de dados, oferece respostas totalmente autênticas. Quando o modelo não possui a resposta, isso é claramente informado ao interlocutor, o que, na visão do autor, promove uma ética e respeito pela história original.

Paralelamente, Evans, Fagen e Lundrigan (2023) investigam o impacto das mídias digitais na construção e circulação da memória do Holocausto, observando como a tecnologia influencia a maneira como a história é percebida e ensinada. As redes sociais, por exemplo, tornaram-se plataformas onde a memória do Holocausto é moldada através de conteúdo gerado pelos usuários, apresentando desafios únicos para a preservação da autenticidade e da seriedade dos eventos históricos (*Idem*).

Além disso, conforme apresentado por Lu *et al.* (2023), a dificuldade frequente das pessoas em distinguir entre fotos reais e imagens artificiais reforça a necessidade de implementar medidas de verificação e contextualização no uso dessas tecnologias na educação histórica. Isso é crucial para manter a integridade e a precisão das representações visuais de eventos históricos significativos, como o Holocausto. A **Figura 3** apresenta uma representação visual deste holograma interativo.

Figura 3 – Holograma interativo de uma sobrevivente do Holocausto, utilizado como ferramenta educacional no Museu de Washington.



Fonte: Cayo Gamber. *AI Technology, Holocaust Survivors, and Human Interactions at Holocaust Museums* (2023).

Portanto, embora tenhamos uma ferramenta promissora para auxiliar no ensino do Holocausto, é necessário que questões como segurança da informação e letramento digital evoluam para que os recursos de IA sejam utilizados de forma segura e eficaz, maximizando os benefícios sem expor os estudantes. É fundamental também adaptar a disponibilidade dessas tecnologias de IA ao orçamento e à realidade do público envolvido.

Ética na seleção e utilização de imagens no ensino do Holocausto

A ética desempenha um papel fundamental no ensino do Holocausto por meio de

imagens. Ao abordar um evento tão traumático e sensível, os educadores devem ter cuidado especial ao selecionar e utilizar imagens, considerando tanto os benefícios educacionais quanto a necessidade de respeitar a dignidade das vítimas e dos estudantes. A ética na docência, conforme discutido pela Associação Brasileira de Ensino de História (2022), envolve o compromisso com o respeito à diversidade, à memória histórica e à dignidade humana, aspectos essenciais ao tratar de eventos históricos traumáticos, como o Holocausto.

A seleção apropriada de imagens é um aspecto crítico. De acordo com as recomendações do IHRA, 2019, as imagens devem ser escolhidas com cuidado, levando em consideração os objetivos pedagógicos. É importante evitar a utilização de imagens gráficas com o único propósito de chocar e horrorizar, pois isso pode ser degradante para as vítimas e reforçar estereótipos prejudiciais. Além disso, as imagens podem não levar em conta a sensibilidade dos estudantes em relação ao trauma humano e ao pudor. O Holocausto pode ser ensinado de maneira eficaz sem a necessidade de imagens perturbadoras (IHRA, 2019).

Outro aspecto ético importante é a origem das imagens selecionadas. Muitas imagens foram produzidas pelos perpetradores do Holocausto e podem ser utilizadas como recursos educacionais, desde que seja claramente contextualizado o contexto de sua criação. Os educadores devem sempre questionar a fonte das imagens e considerar quais objetivos pedagógicos desejam alcançar com a utilização de materiais específicos (*Idem*).

É crucial que os educadores promovam uma abordagem sensível e cuidadosa ao ensinar o Holocausto por meio de imagens. A utilização de imagens deve ser guiada pela necessidade de transmitir informações de maneira educativa e respeitosa, evitando qualquer forma de exploração do sofrimento humano. A reflexão ética sobre o uso das imagens é uma parte essencial do processo educacional (Cf. Boyer, 2012).

Além disso, é importante destacar que, de acordo com Boyer (*Idem*), o ensino do Holocausto deve abordar não apenas os fatos históricos, mas também as implicações éticas e morais associadas a esse evento. Os educadores têm a responsabilidade de ajudar os estudantes a compreenderem não apenas o que aconteceu, mas porque aconteceu e quais lições éticas podem ser aprendidas com ele.

A educação sobre o Holocausto também se relaciona com a mídia e a literacia midiática, como discutido por Bulger e Davison (2018). Os estudantes devem ser ensinados a analisar criticamente as imagens e os contextos em que são apresentados, desenvolvendo habilidades para discernir informações confiáveis de informações distorcidas. Isso é particularmente relevante em uma era em que a disseminação de desinformação sobre o Holocausto é uma preocupação (*Idem*).

A ética no ensino do Holocausto, especialmente F meio de imagens, é essencial para assegurar que o conteúdo abordado em sala de aula respeite tanto a memória das vítimas quanto a integridade dos estudantes. A escolha das imagens deve ser cuidadosa, orientada por critérios pedagógicos claros e pela sensibilidade ao impacto emocional que elas podem causar (Cf. Boyer, 2012; IHRA, 2019). Não se trata apenas de apresentar fatos históricos, mas de promover uma compreensão crítica e reflexiva dos eventos, considerando o contexto em

que essas imagens foram criadas e os possíveis vieses envolvidos (Cf. Bulger; Davison, 2018).

É igualmente importante que o ensino do Holocausto inclua uma análise ética, que ajude os estudantes a perceberem as lições morais desse período, desenvolvendo uma consciência sobre as consequências do ódio e da intolerância. Ao abordar essas questões com a devida seriedade, os educadores contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes e sensíveis, capazes de reconhecer e combater preconceitos em suas diversas formas (Cf. Boyer, 2012; IHRA, 2019; Bulger; Davison, 2018).

Considerações finais

Sem dúvida, as imagens do Holocausto representam uma ferramenta inestimável no processo de ensino da história. Estas fotografias, ao transcender barreiras linguísticas e culturais, oferecem aos estudantes uma visão direta do passado. Contudo, é essencial compreender que a sua utilização deve ser pautada pela responsabilidade e sensibilidade, idealmente em conjunto com um plano educacional abrangente que evite a banalização e a dessensibilização em relação às atrocidades vivenciadas.

A inteligência artificial surge como uma extensão valiosa neste contexto educacional, oferecendo novas possibilidades para a apresentação e análise de imagens históricas. Ferramentas de IA podem ajudar a criar simulações interativas e recriações visuais que proporcionam uma compreensão mais profunda dos eventos históricos sem recorrer a imagens gráficas perturbadoras.

É crucial que os educadores, ao integrar a IA no ensino do Holocausto, o façam com uma sensibilidade ética rigorosa, garantindo que a tecnologia seja usada para ampliar a compreensão humana e não para substituí-la. A IA pode também auxiliar na personalização da aprendizagem, adaptando o conteúdo às necessidades específicas de cada aluno, o que é especialmente valioso ao lidar com temas tão sensíveis quanto o Holocausto.

Os educadores da nova geração devem adotar uma abordagem multifacetada, que combine fontes textuais e visuais com ferramentas digitais, para ensinar sobre o Holocausto de maneira que respeite a dignidade das vítimas e promova uma compreensão ética profunda. A alfabetização digital é essencial para que os estudantes possam discernir entre diferentes tipos de informações online, capacitando-os a formar julgamentos ponderados.

Formar indivíduos empáticos através do conhecimento histórico deve continuar sendo um objetivo central na educação, como reforça a Associação Brasileira de Ensino de História (2022). A integração ética da inteligência artificial no currículo pode ser uma importante aliada nesse processo, pois permite que a tecnologia seja utilizada de maneira responsável e respeitosa em relação aos conteúdos históricos sensíveis. Para garantir que o sofrimento daqueles que padeceram durante este evento macabro seja tratado com o máximo respeito, é fundamental que o uso de imagens na educação seja acompanhado de uma reflexão crítica constante. Além disso, uma lacuna importante que merece ser explorada em pesquisas futuras

é a falta de referências explícitas ao Holocausto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o que evidencia a necessidade de discutir mais amplamente como temas sensíveis são abordados no currículo educacional brasileiro.

Referências

ADORNO, Theodor. *Educação após Auschwitz*. São Paulo: Ática, 1986.

ABEH. Associação Brasileira de Ensino De História. *Compromissos éticos da docência em história*. [S. l.]: [s. n.], 2022. Disponível em: https://www.abeh.org.br/download/download?ID_DOWNLOAD=14. Acesso em: 20 ago. 2024.

BOYER, Eric S. Exploring Difficulties in Teaching Holocaust Education, and an Explanation of Classroom Practices to Overcome These Difficulties. *Russian American Education Forum: An Online Journal*, v. 4, n. 3, 2012. Disponível em: <http://www.rusameeduforum.com/content/en/?task=art&article=1000943&iid=13>. Acesso em: 30 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BULGER, Monica; DAVISON, Patrick. The Promises, Challenges, and Futures of Media Literacy. Analysis & Policy Observatory. *Data & Society Research Institute*, 2018.

BURKE, Peter; XAVIER, Maria. *Testemunha Ocular*. História e Imagem. Bauru, SP: Edusc, 2004.

COWAN, Paula; MAITLES, Henry. Does Addressing Prejudice and Discrimination through Holocaust Education Produce Better Citizens? *Educational Review*, v. 59, n. 2, p. 115-130, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/00131910701254858>.

CRANE, Susan A. Choosing Not to Look: Representation, Repatriation, and Holocaust Atrocity Photography. *History and Theory*, v. 47, n. 3, p. 309-330, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2303.2008.00457.x>.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imagens Apesar de Tudo*. Lisboa: KKYM, 2012.

EVANS, Jennifer V.; FAGEN, Erica; LUNDRIGAN, Meghan. *Holocaust Memory in the Digital Mediascape*. London: Bloomsbury Academic, 2023.

GAMBER, Cayo. *AI Technology, Holocaust Survivors, and Human Interactions at Holocaust Museums*. AHFE International, 2023. DOI: <https://doi.org/10.54941/ahfe1004005>.

HARIMAN, Robert; LUCAITES, John Louis. *No Caption Needed: Iconic Photographs, Public Culture, and Liberal Democracy*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

HUESMANN, L. Rowell; KIRWIL, Lucyna. Why Observing Violence Increases the Risk of Violent Behavior by the Observer. In: FLANNERY, Daniel J.; VAZSONYI, Alexander T.; WALDMAN, Irwin D. (Orgs.). *The Cambridge Handbook of Violent Behavior and Aggression*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1017/cbo9780511816840.029>.

IHRA. International Holocaust Remembrance Alliance. *Recomendações para o Ensino e a Aprendizagem sobre o Holocausto*. 2019. Disponível em: <https://www.holocaustremembrance.com/sites/default/files/inline-files/Recomendac%CC%A7o%CC%83es%20para%20o%20Ensino%20e%20a%20Aprendizagem%20sobre%20o%20Holocausto.pdf>. Acesso em: 30 maio 2024.

KOVAČ, Danilo. A Case Study Comparing Good Practice in the Use of Pedagogical Resources in Holocaust Education in England and Republika Srpska. *Istorija 20. Veka*, v. 40, n. 1/2022, p. 233-251, 2022. DOI: <https://doi.org/10.29362/ist20veka.2022.1.kov.233-251>.

LANDAU, R. The Nazi Holocaust. *Choice Reviews Online*, v. 32, n. 1, p. 32-046932-0469, 1992. DOI: <https://doi.org/10.5860/choice.32-0469>.

LEE, Peter; ASHBY, Rosalyn. Knowing, Teaching, and Learning History: National and International Perspectives. In: STEARNS, Peter N.; SEIXAS, Peter; WINEBURG, Sam (Orgs.). *Knowing, Teaching, and Learning History: National and International Perspectives*. New York: New York University Press, 2000.

LU, Zeyu; *et al.* Seeing Is Not Always Believing: A Quantitative Study on Human Perception of AI-Generated Images. *ArXiv.org*, 25 abr. 2023. DOI: <https://doi.org/10.48550/arXiv.2304.13023>.

MILTON, S. Visualizing the Holocaust: A Curricular Response to Holocaust Representation. *Journal of Genocide Research*, v. 16, n. 3, p. 363-387, 2014.

MIRZOEFF, Nicholas. *An Introduction to Visual Culture*. New York: Routledge, 1999.

ROSENZWEIG, Roy; THELEN, David. *The Presence of the Past: Popular Uses of History in American Life*. New York: Columbia University Press, 2000.

SANCHEZ, Barbara C. Internet Memes and Desensitization. *Pathways: A Journal of Humanistic and Social Inquiry*, v. 1, n. 1, 2020.

SCHWARTZ, Joan M.; COOK, Terry. Archives, Records, and Power: The Making of Modern Memory. *Archival Science*, v. 2, n. 1-2, p. 1-19, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1007/bf02435628>.

SCHWEBER, Simone. Holocaust Fatigue. *Teaching Today. Social Education*, v. 70, n. 1, p. 44, 2006.

UMBACH, Maiken; MILLS, Gary. Teaching with Images: Opportunities and Pitfalls for Holocaust Education. *Holocaust Studies*, p. 1-19, set. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/17504902.2023.2249296>.

WITTKOWER, Dylan. On the Origins of the Cute as a Dominant Aesthetic Category in Digital Culture. In: SPRINGER, Berlin. *Putting Knowledge to Work and Letting Information Play*. Boston: Springer, 2023.

ZELIZER, Barbie. *Remembering to Forget: Holocaust Memory through the Camera's Eye*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.